

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2025.r6a44>

Recebido em: 10/08/2025

Aceito em: 16/09/2025

TRABALHO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: BASES CONCEITUAIS E EPISTEMOLÓGICAS SOB A PERSPECTIVA MARXISTA

WORK, EDUCATION, AND EMANCIPATION: CONCEPTUAL AND EPISTEMOLOGICAL FOUNDATIONS FROM A MARXIST PERSPECTIVE

Francisco Bento das Chagas Guerra

<https://orcid.org/0009-0007-9576-7130>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3536281080197595>

Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: fbentoguerra@gmil.com

Sonia Cristina Ferreira Maia

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3986-6517>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7714036683289260>

Doutora em Educação

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: soniacris15@hotmail.com

Elvira Fernandes de Araújo Oliveira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5142-217X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9577453735589744>

Doutora em Educação

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: elvira.fernandes@ifrn.edu.br

RESUMO

O presente artigo analisa as bases conceituais e epistemológicas da Educação Profissional no Brasil, fundamentando-se no Materialismo Histórico-Dialético como referencial teórico e metodológico. Busca-se compreender como as determinações históricas, políticas e econômicas moldam os sentidos e os projetos educativos voltados à formação técnico-profissional. A pesquisa se ancora em um estudo de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico, com análise crítica das publicações de Karl Marx, Friedrich Engels, Antonio Gramsci, George Lukács, Marise Ramos, Maria Ciavatta, Glaudêncio Frigotto, Dermeval Saviani, István Mészáros, Acácia Kuenzer e Mario Manacorda. Os resultados indicam que a Educação Profissional, quando orientada pelos interesses do capital, tende à formação adaptativa e reproduutora das diferenças sociais. Em contrapartida, sob o entendimento da pedagogia histórico-crítica e da

concepção ontológica do trabalho, ela pode constituir-se como um ambiente de formação holística, crítica e emancipadora.

Palavras-chave: Educação profissional; materialismo histórico-dialético; formação humana; trabalho.

ABSTRACT

This article analyzes the conceptual and epistemological bases of Professional Education in Brazil, based on Historical-Dialectical Materialism as a theoretical and methodological reference. It seeks to understand how historical, political, and economic determinants shape the meanings and educational projects aimed at technical and professional training. The research is anchored in a qualitative, bibliographic study with a critical analysis of the publications of Karl Marx, Friedrich Engels, Antonio Gramsci, George Lukács, Marise Ramos, Maria Ciavatta, Glaudêncio Frigotto, Dermeval Saviani, István Mészáros, Acácia Kuenzer, and Mario Manacorda. The results indicate that EP, when guided by the interests of capital, tends toward adaptive training and the reproduction of social differences. On the other hand, under the understanding of historical-critical pedagogy and the ontological conception of work, it can constitute an environment for holistic, critical, and emancipatory training.

Keywords: professional education; historical-dialectical materialism; human formation; work.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Profissional no Brasil é caracterizada por contradições históricas que refletem as necessidades das classes sociais em disputa. Desde suas origens vinculadas à preparação para o trabalho manual e subordinado até os atuais confrontos em torno da formação integral, a EP revela-se um campo de tensões entre os projetos de sociedade.

Este artigo propõe analisar as bases conceituais e epistemológicas da EP sob o entendimento do materialismo histórico dialético, método que permite desvendar as determinações estruturais da realidade da educação e seus condicionantes ideológicos. Tal perspectiva, desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels e posteriormente aprofundada por pensadores como Antonio Gramsci, Georg Lukács e István Mészáros, oferece um instrumental teórico-metodológico robusto para entender as relações entre a educação, o trabalho e a sociedade capitalista.

Contudo, também se faz crucial identificar as perspectivas de resistência e transformação que se inscrevem em seu horizonte, vislumbrando uma EP que tem como eixo articulador o trabalho como princípio educativo, e se pauta na formação omnilateral e na práxis

revolucionária, conforme defendido por teóricos críticos da educação brasileira como Maria Ciavatta, Gaudêncio Frigotto, Marise Ramos, Dermeval Saviani e Acácia Zeneide Kuenzer, além de Mario Alighiero Manacorda, que oferece importantes contribuições sobre a ligação entre educação e trabalho.

Este artigo, desenvolvido como trabalho final da disciplina Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica, turma 2025 do programa do mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), busca explorar os principais conceitos, teorias e abordagens que sustentam a educação profissional, analisando a relação entre teoria e prática, o desenvolvimento de competências e a importância da contextualização do conhecimento. Para tanto, o presente artigo se estrutura cinco seções: introdução, revisão de literatura, metodologia, resultados e discussões, e considerações finais, buscando oferecer uma análise crítica e propositiva sobre o tema.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A compreensão das bases conceituais e epistemológicas da Educação Profissional no Brasil, sob o prisma do Materialismo Histórico Dialético, exige uma análise detalhadas nas obras de pensadores que forneceram as bases para essa abordagem, bem como naqueles que a aplicaram especificamente à educação e ao trabalho.

2.1 CONCEPÇÕES MARXISTAS SOBRE O TRABALHO, EDUCAÇÃO E O MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

A pedra angular para a investigação aqui proposta reside nas teorias de Karl Marx e Friedrich Engels. O cerne do Materialismo Histórico Dialético é que as relações sociais de produção (a base econômica) determinam a superestrutura ideológica (incluindo o Estado, o direito, a religião e a educação). Em "A Ideologia Alemã", Marx e Engels (1998, p. 47) afirmam que "as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes". Isso significa que as concepções de educação, incluindo a profissional, não são neutras, mas refletem os objetivos das classes no poder.

A análise do trabalho é central em Marx. Para ele, “o trabalho é a atividade humana essencial que diferencia o homem dos outros animais, sendo fundamental para a construção do ser social”. Para Marx (2011, p.187), “no processo de trabalho, ao transformar a natureza, o ser humano transforma a si mesmo — desenvolvendo potencialidades e moldando sua própria natureza”. Engels, no livro a Ideologia Alemã(1998), complementa, ao sintetizar, que “a divisão entre trabalho intelectual e manual é fruto da cisão de classes e da alienação produzida pelo modo de produção capitalista”. No entanto, sob o capitalismo, o trabalho se aliena. Em “Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844”, Marx (2004, p. 79) descreve “a alienação do trabalho, onde o trabalhador se torna estranho ao produto de seu trabalho, ao processo de produção, a si mesmo e à sua própria espécie”.

George Lukács (2013, p. 44) amplia essa perspectiva “ao entender o trabalho como categoria fundante do ser social e como mediação entre natureza e sociedade”, em sua obra “História e Consciência de Classe” (2003, p. 105-106), desenvolve “o conceito de totalidade e a importância da práxis revolucionária”. Lukács “enfatiza que a realidade social deve ser compreendida em sua totalidade e em constante movimento dialético”. A educação, inserida nessa totalidade, não pode ser vista de forma isolada, mas como parte integrante das relações sociais. “A formação profissional”, para Lukács, deveria contribuir para que o indivíduo desenvolvesse uma consciência de classe e pudesse agir de forma transformadora na realidade. Ele critica a “fragmentação do saber e a instrumentalização da razão”, que são características do capitalismo e que muitas vezes se refletem na EP, limitando a formação a habilidades técnicas descontextualizadas

No Volume 2 dos Cadernos do Cárcere, Antonio Gramsci (2001, p. 50), por sua vez, aprofunda o debate sobre hegemonia e educação, ressaltando o “papel da escola na conformação da cultura de classe e na construção de uma consciência crítica, capaz de superar a dominação ideológica”. Com sua teoria da hegemonia, oferece um valioso contraponto à concepção puramente economicista. Em Cadernos do Cárcere, Volume 1, Gramsci (2001, p.50) argumenta que o “domínio de uma classe não se dá apenas pela coerção econômica ou política, mas também pela capacidade de liderar cultural e ideologicamente, construindo o consenso”. A escola e a educação desempenham um papel fundamental nesse processo. Para Gramsci, “a educação profissional pode ser um espaço de conformação ou de contra-hegemonia”. Ele defendia uma “escola unitária, que unisse o trabalho intelectual e manual, visando à formação

de um novo tipo de intelectual, orgânico às classes trabalhadoras e capaz de atuar na transformação social". Essa perspectiva gramsciana é vital para analisar como a EP pode ser tanto um instrumento de perpetuação da subordinação quanto um espaço de resistência e construção de uma nova hegemonia.

2.2 A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL SOB O OLHAR CRÍTICO

No cenário brasileiro, autores como Dermeval Saviani, Marise Ramos, Maria Ciavatta, Gaudêncio Frigotto e Acácia Zeneide Kuenzer, têm se dedicado a analisar a EP a partir do Materialismo Histórico Dialético, desvelando suas contradições e potencialidades, desenvolvendo crítica à dualidade estrutural da educação brasileira, cuja origem está enraizada em uma lógica de reprodução das desigualdades sociais.

Marise Ramos, em "A Pedagogia da Mediação na Educação Profissional" (2002, p. 80 e 81), "defende a importância de uma pedagogia que, ao invés de meramente adaptar o indivíduo ao mundo do trabalho, o medie com a realidade social, histórica e cultural". Ela argumenta que "a EP deve ser concebida como um espaço de totalidade, onde o trabalho não é apenas um fim em si mesmo, mas um meio para o desenvolvimento humano integral". Ramos enfatiza "a necessidade de superar a dicotomia entre educação geral e educação profissional, buscando a integração de saberes e a formação do trabalhador-cidadão".

Maria Ciavatta, com suas extensas pesquisas sobre a relação entre educação e trabalho, "destaca a importância de analisar a EP no contexto das relações de produção capitalistas". Em "O Ensino Médio Integrado no Brasil: dilemas e perspectivas" (2005, p. 98), ela explora "como a integração do ensino médio com a educação profissional pode, em tese, superar a fragmentação do conhecimento e promover uma formação mais completa". Contudo, Ciavatta adverte para o "risco de essa integração ser capturada pela lógica do mercado, transformando-se em mera adequação às demandas do capital, sem de fato promover a emancipação dos sujeitos".

Gaudêncio Frigotto, um dos maiores expoentes da pedagogia histórico-crítica no Brasil, em obras como "Educação e Crise do Trabalho: perspectivas para o século XXI" (2000, p. 152), oferece uma análise aprofundada da "crise estrutural do capital e seus impactos na educação e no trabalho". Frigotto "argumenta que a EP, em suas versões mais instrumentalistas, tem sido

um reflexo da reestruturação produtiva e da precarização do trabalho". Ele defende "uma EP que se paute na perspectiva da formação para o trabalho como princípio educativo, visando à compreensão do processo produtivo em sua totalidade e à construção de uma consciência crítica sobre as relações sociais". Glaudêncio Frigotto (2011, p. 176) afirma que "a EP não pode ser reduzida à mera preparação para o mercado. Em sua visão, é preciso articular trabalho, ciência, cultura e política como dimensões indissociáveis da formação humana".

Dermeval Saviani, com sua "Pedagogia Histórico-Crítica" (2003, p. 12 e 13), oferece "um referencial teórico-metodológico para a compreensão da educação brasileira". Saviani "argumenta que a educação é um fenômeno social e histórico, e que sua função é transmitir o conhecimento sistematizado acumulado pela humanidade". Para a EP, isso significa "que a formação profissional não pode se limitar ao treinamento de habilidades, mas deve proporcionar o acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos, bem como a compreensão das implicações sociais e políticas do trabalho". A EP, na perspectiva de Saviani, deve ser um "instrumento de superação da alienação e de formação do sujeito histórico". Saviani (2007, p. 30) destaca que "a escola pública para os pobres se destina à adaptação ao trabalho e à obediência, enquanto a escola das elites visa à formação do dirigente".

Acácia Zeneide Kuenzer, em suas pesquisas "sobre o trabalho e a educação profissional, aborda a relação entre formação e exclusão social". Em "Da dualidade à unidade: uma abordagem histórica do Ensino Médio no Brasil" (2000, p. 28), Kuenzer analisa "as raízes históricas da dualidade entre o ensino propedêutico e o profissionalizante", demonstrando como essa dicotomia tem "contribuído para a reprodução das desigualdades sociais". Ela "defende uma EP que supere essa dualidade, buscando a integração do saber e do fazer, e a formação de indivíduos capazes de atuar criticamente na sociedade". Kuenzer (2007, p. 11) "critica as políticas de EP atreladas à lógica do capital produtivo, enfatizando a necessidade de políticas públicas que garantam a formação cidadã, crítica e emancipatória".

À luz do Materialismo Histórico-Dialético, os autores analisados denunciam a dualidade estrutural da Educação Profissional no Brasil e suas raízes na reprodução das desigualdades sociais. Em comum, defendem uma formação que vá além da adaptação ao mercado, articulando trabalho, ciência, cultura e política. Propõem uma EP que integre saberes, supere a fragmentação entre teoria e prática e contribua para a formação crítica e emancipatória dos

sujeitos. Nesse sentido, a EP é compreendida não apenas como qualificação técnica, mas como um direito social e instrumento de transformação da realidade.

2.3 EDUCAÇÃO E PRÁXIS: CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS

István Mészáros, em "A Educação Para Além do Capital" (2008, p. 27), propõe uma crítica radical ao sistema educacional inserido na lógica do capital. Mészáros argumenta que "a educação sob o capitalismo é intrinsecamente limitada pelas determinações do capital, reproduzindo suas estruturas e valores". Ele defende "uma educação que transcenda o capital, orientada para a formação omnilateral (desenvolvimento pleno de todas as potencialidades humanas) e para a emancipação". Sua análise "é fundamental para compreender os desafios de construir uma EP que não seja apenas reproduutora de força de trabalho, mas que vise à formação de sujeitos críticos e transformadores". A EP, nesse sentido, precisa ir além da qualificação para o mercado, buscando a emancipação do sujeito por meio do desenvolvimento de suas capacidades críticas e criativas. Mészáros (2008, p. 25 e 27) adverte que "a crise estrutural do capital exige a superação de seu sistema educativo". "A educação não pode mais ser vista como mercadoria ou instrumento de adaptação, mas como espaço de resistência e construção de uma nova ordem social".

Mario Alighiero Manacorda, em "História da Educação: da Antiguidade aos Nossos Dias" (1989, p.16), oferece uma vasta perspectiva histórica da educação, contextualizando as diferentes concepções de formação ao longo do tempo. Manacorda "analisa como a educação, desde a Grécia Antiga até os modelos mais recentes, tem se relacionado com as formas de produção e as estruturas sociais". Sua obra é crucial para entender a historicidade da educação profissional, "demonstrando como ela sempre esteve atrelada às necessidades econômicas e sociais de cada época". Ele evidencia "as tensões entre uma educação que visa à formação integral do indivíduo e outra que prioriza a especialização e a instrumentalização para o trabalho". Manacorda (1991, p. 80) recupera "a história da educação sob a ótica da luta de classes, reafirmando que a escola deve ser espaço de formação intelectual e moral, capaz de formar sujeitos históricos".

Em síntese, a revisão da literatura revela que a Educação Profissional no Brasil é um campo fértil para estudo do materialismo histórico dialético. As contribuições desses autores

permitem compreender que a EP não é um fenômeno neutro, mas um reflexo das relações sociais de produção, das disputas de classes e dos projetos de sociedade em curso. Ao mesmo tempo, fornecem subsídios para pensar uma EP que não se restrinja à mera adaptação ao mercado, mas que se paute na formação omnilateral, na práxis transformadora e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

3 METODOLOGIA

A pesquisa que fundamenta este artigo configura-se como uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, optou-se pela modalidade de pesquisa qualitativa como percurso metodológico para a revisão de literatura. Gil (2002, p. 94) corrobora, dizendo que “métodos de pesquisa qualitativa estão voltados para auxiliar os pesquisadores a compreenderem pessoas e seus contextos sociais, culturais e institucionais”.

Esta pesquisa baseia-se na dialética que, por sua vez, tem como fundamento o materialismo histórico. O materialismo histórico é consolidado como “a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade” (Triviños, 1987, p. 51). A escolha dessa abordagem metodológica justifica-se pela necessidade de compreender o fenômeno da Educação Profissional em sua complexidade, historicidade e totalidade, para além de uma análise meramente descritiva ou empírica

A coleta de dados foi realizada por meio na bibliográfica da disciplina Bases Conceituais para a EPT por meio do levantamento e leitura crítica de obras, artigos e textos de referência dos autores propostos: Karl Marx, Friedrich Engels, Antonio Gramsci, Georg Lukács, István Mészáros, Marise Ramos, Maria Ciavatta, Gaudêncio Frigotto, Dermeval Saviani, Acácia Zeneide Kuenzerm, Mario Alighiero Manacorda e outros. A seleção dessas obras obedeceu ao critério de sua importância para o aprofundamento do estudo das categorias analíticas do Materialismo Histórico Dialético, tais como trabalho, alienação, ideologia, hegemonia, formação omnilateral e práxis, aplicadas ao campo da EP.

A análise dos dados, de natureza dialética, envolveu os seguintes passos:

1. **Contextualização Histórica e Social:** Compreensão da EP no Brasil como um fenômeno historicamente construído e implantado em um contexto de relações sociais e econômicas específicas, marcadas pelo crescimento do capitalismo dependente.

2. **Identificação das Contradições:** Busca pelas tensões e antagonismos inerentes à EP, como “a contradição entre a formação para o mercado de trabalho e a formação humana integral, ou entre as demandas do capital e as necessidades dos trabalhadores”.

3. **Análise Crítica das Categorias:** Desconstrução dos conceitos e discursos que permeiam a EP, “revelando seus fundamentos ideológicos e as relações de poder subjacentes. Por exemplo, a análise do conceito de “empregabilidade” à luz da alienação do trabalho”.

4. **Integração entre Teoria e Prática:** Estabelecimento de um diálogo constante entre “as categorias teóricas do Materialismo Histórico Dialético e as manifestações concretas da EP no Brasil, buscando compreendê-la como parte de um processo social mais amplo”.

5. **Proposição de Alternativas:** Com base na crítica, apontar caminhos e perspectivas para uma EP que se paute pela autonomia humana e pela transformação social.

Em suma, a metodologia empregada buscou transcender a mera descrição, propondo uma análise que desvendasse as raízes históricas e as determinações estruturais da EP, com o objetivo de contribuir para a compreensão de suas bases conceituais e epistemológicas e com a formulação de uma EP mais justa e humanizadora.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A investigação das bases conceituais e epistemológicas da EP no Brasil, regido pelo Materialismo Histórico Dialético, revela que esse campo do conhecimento não é neutro nem descontextualizado. Pelo contrário, está intrinsecamente imerso nas relações sociais de produção capitalistas, refletindo e, eventualmente, reproduzindo suas contradições.

Inicialmente, a EP no Brasil emerge e se desenvolve historicamente aliando com o interesse do capital por força de trabalho qualificada e adaptável. Marx e Engels, na obra *A Ideologia Alemã*, (1998, p.35), ao “abordarem a relação entre a base econômica e a superestrutura”, nos fornecem a chave para entender que as políticas e práticas educacionais são, em grande medida, condicionadas pela estrutura produtiva dominante. A EP, assim, muitas vezes serve como “um aparelho ideológico para a reprodução da divisão social do trabalho”,

segmentando “o conhecimento e a formação” em função das necessidades do mercado. “A ênfase na especialização e na instrumentalização técnica, sem a devida contextualização do processo produtivo em sua totalidade, corrobora a alienação do trabalho”, como diagnosticada por Marx (2004, p. 83) em seus “Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844”. “O trabalhador, ao ser treinado para uma função específica e repetitiva, perde a conexão com o produto final de seu trabalho e com o sentido mais amplo de sua atividade”.

A teoria da hegemonia de Antonio Gramsci (2001, p. 117 e 118) oferece uma lente crucial para compreender como a EP pode ser um campo de disputa. A burguesia, ao desenvolver sua hegemonia, busca que seus valores e perspectivas de mundo sejam internalizados pelas classes subalternas, inclusive através da educação. Assim, a EP pode ser instrumentalizada para disseminar a concepção da meritocracia, da empregabilidade a qualquer custo e da subserviência às necessidades do mercado. Contudo, Gramsci também “aponta para a possibilidade de uma contra-hegemonia, onde a educação se torna um espaço de organização e conscientização das classes trabalhadoras”. A reivindicação por uma EP que promova a preparação de intelectuais orgânicos das classes trabalhadoras, capazes de compreender e transformar a realidade, é um desafio premente.

Georg Lukács, em sua obra História e Consciência de Classe, (2003, p. 100), destaca “sua ênfase na totalidade e na práxis, reforça a necessidade de superar a fragmentação do conhecimento na EP. A compartmentalização dos saberes e a separação entre teoria e prática limitam a capacidade dos estudantes de compreenderem a complexidade do mundo do trabalho e de atuarem de forma crítica”. Uma EP genuinamente transformadora “deveria buscar a integração entre os diversos campos do saber e o desenvolvimento de uma consciência que permita aos indivíduos transcender a mera reprodução e agir na transformação das estruturas sociais”.

István Mészáros (2008, p. 45), “ao analisar a educação para além do capital, oferece uma crítica contundente à subordinação da educação aos imperativos do sistema capitalista”. Ele defende que a EP, enquanto inserida na lógica do capital, estará sempre limitada em seu potencial emancipatório. A busca pela formação omnilateral, proposta por Mészáros, exige uma EP que transcend a qualificação técnica e fomente o desenvolvimento pleno das capacidades humanas, incluindo o pensamento crítico, a criatividade e a capacidade de intervenção social.

As contribuições dos autores brasileiros enriquecem essa análise, situando-a nas particularidades da formação social brasileira. Marise Ramos (2002, p. 60) “defende uma pedagogia da mediação que, ao invés de adaptar o sujeito ao mundo do trabalho, o ajude a compreendê-lo criticamente e a atuar sobre ele”. “A integração do ensino médio com a educação profissional, embora louvável em sua concepção, corre o risco de ser capturada pela lógica produtivista”, como alertado por Maria Ciavatta (2005, p. 85). Ambas as autoras apontam “para a necessidade de superar a dualidade entre o ensino propedêutico e o profissionalizante, visando a uma formação que não dicotomize o saber e o fazer”.

Gaudêncio Frigotto (2000, p. 152) e Dermeval Saviani (2003, p. 15), com suas perspectivas da pedagogia histórico-crítica, “reiteram que a educação não é neutra, mas um espaço de disputa ideológica e política”. Para eles, “a EP, se pautada no trabalho como princípio educativo, pode ser um caminho para a formação de sujeitos que compreendam as relações de produção e as contradições do capitalismo”. O desafio reside em conceber uma EP que vá além da preparação para o emprego, promovendo a qualificação de trabalhadores-cidadãos capazes de atuar no desenvolvimento de uma sociedade mais justa. A crítica de Acácia Zeneide Kuenzer (2000, p. 10) “à dualidade estrutural da educação brasileira, que historicamente segregou a formação para as elites da formação para as classes populares”, ressoa diretamente com o interesse de uma EP que rompa com essa lógica de exclusão.

Por fim, a perspectiva histórica de Mario Alighiero Manacorda (1989, p. 356) sobre “a relação entre educação e trabalho evidencia que a tensão entre a formação para o mercado e a formação para a emancipação não é nova, mas tem acompanhado a história da educação”. Assim, a EP, é um campo onde essa tensão se revela de forma aguda, exigindo uma análise constante e uma práxis que busque superar as limitações impostas pela lógica do capital.

Em síntese, os resultados desta pesquisa bibliográfica indicam que as bases conceituais e epistemológicas da EP em nosso País são permeadas por uma profunda contradição: de um lado, o objetivo de preparar indivíduos para o mercado de trabalho capitalista, com suas exigências de qualificação e adaptabilidade; de outro, o potencial de ser um ambiente de formação humana integral e de conscientização para a conversão social. A superação dessa contradição reside na capacidade de construir uma EP que, embasada no Materialismo Histórico Dialético, promova a formação omnilateral e a práxis emancipatória, resistindo à

instrumentalização e favorecendo para a construção de uma sociedade livre das amarras do capital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação das bases conceituais e epistemológicas da EP no Brasil, empreendida sob o rigor do Materialismo Histórico Dialético, permitiu desvelar a complexa teia de conexões que a constituem. Os resultados desta pesquisa bibliográfica reforçam a premissa em que a EP não deve ser compreendida de forma isolada, mas, como um fenômeno intrinsecamente ligado às relações sociais de produção capitalistas e às disputas de classe que perpassam a sociedade brasileira.

A EP no Brasil, durante de sua trajetória, tem se configurado como um campo de tensões. Por um lado, atende às demandas do capital por força de trabalho qualificada e adaptável, muitas vezes reproduzindo a divisão social do trabalho e a alienação do trabalhador, conforme alertado por Marx e Engels. O foco na instrumentalização e na especialização excessiva pode limitar o crescimento pleno das capacidades humanas, coadunando-se com as necessidades de um sistema que precariza o trabalho e desvaloriza a formação integral.

No entanto, as contribuições de Gramsci, Lukács, Mészáros, Ramos, Ciavatta, Frigotto, Saviani, Kuenzer e Manacorda demonstram que a EP possui um potencial latente de emancipação. A probabilidade de se contrapor à lógica hegemônica do capital reside na formação de uma EP que promova a formação omnilateral, que integre o saber e o fazer, o trabalho intelectual e o manual, e que estimule a práxis transformadora. Isso requer em uma educação que não apenas qualifique para o mercado, mas que dote os sujeitos de ferramentas críticas para entender as estruturas sociais, as discrepâncias do capitalismo e, consequentemente, para intervir na realidade de forma consciente e transformadora.

A divisão da dicotomia entre a educação propedêutica e a profissionalizante, a valorização do trabalho como princípio educativo e a busca por uma escola unitária são eixos fundamentais para uma EP que se paute pela justiça social e pela emancipação humana. É necessário, por conseguinte, que a EP se assuma como um ambiente de resistência e de formação de uma nova hegemonia, onde o conhecimento e as habilidades adquiridas estejam a voltadas para um projeto societário que transcendam os limites do capital.

Para trabalhos futuros, sugere-se a realização de pesquisas empíricas que investiguem como as concepções e práticas da EP se manifestam em instituições específicas, analisando seus currículos, metodologias e os impactos na formação dos estudantes. Seria relevante também aprofundar o estudo sobre as políticas públicas para a EP no Brasil, identificando as influências do capital e as possibilidades de avanço em uma perspectiva emancipatória. Por fim, aprofundar o debate sobre o papel dos movimentos sociais e das organizações sindicais na luta por uma EP que sirva aos interesses da classe trabalhadora é um caminho promissor.

REFERÊNCIAS

CIAVATTA, Maria. **O Ensino Médio Integrado no Brasil**: dilemas e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2005.

CIAVATTA, Maria. **Trabalho e escola**: velhos temas, novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Global, 1984.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

FRIGOTTO, Glaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e Crise do Trabalho**: perspectivas para o século XXI. Petrópolis: Vozes, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 1, 2, 3, 4 e 5.

KUENZER, Acácia Z. **Ensino médio e educação profissional**: a reforma do ensino médio em questão. São Paulo: Cortez, 2007.

KUENZER, Acácia Zeneide. **Da dualidade à unidade**: uma abordagem histórica do Ensino Médio no Brasil. São Paulo: Cortez, 2000.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação:** da Antiguidade aos Nossos Dias. São Paulo: Cortez, 1989.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna.** São Paulo: Cortez, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **O Capital – Livro I.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MÉSZÁROS, István. **A Educação Para Além do Capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

RAMOS, Marise. **Educação profissional e tecnológica:** fundamentos ontológicos e epistemológicos. Brasília: Inep/MEC, 2002.

RAMOS, Marise Nogueira. **A Pedagogia da Mediação na Educação Profissional.** São Paulo: Cortez, 2002.

RAMOS, Marise Nogueira; CIAVATTA, Maria; FRIGOTTO, Glaudêncio. **Ensino Médio Integrado: Concepções e Contradições** São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica:** primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987